

D'ÉCOLAGE¹

Jacques Lacan

Eis-me aqui, o homem coberto de cartas.

Meu companheiro Drieu, era, ou se achava, o homem coberto de mulheres, ao ponto de fazer desse, o título de um de seus romances.

Título com o qual me denominaram meus colegas de plantão – e eu tinha só duas (mulheres) como todo mundo, cuidando de mim, e eu, discretamente, lhes peço que acreditem.

Estas cartas, eu as levei a sério. Quero dizer: eu as peguei uma por uma – como se faz com as mulheres –, e fiz minha lista.

Eu cheguei ao final deste monte.

Há pessoas que se queixam de que eu as esqueci. É bem possível. Que elas se dirijam à Glória.

Eu acertei no milhar², e com sobra.

Mas é preciso que entre estas mil eu coloque uma diferença. Já que uns têm um *luto* a fazer de uma Escola, e outros não.

O *luto* é um trabalho, é o que se lê em Freud. É aquilo que eu peço àqueles que, da Escola, querem permanecer comigo para a Causa Freudiana.

A estes escrevi uma carta ontem à noite. Eles já vão recebê-la.

Eis o que lhes digo:

*Delenda est*³. Eu dei o passo, de agora em diante irreversível, de dizê-lo. Como o demonstra o fato de que, se retornarmos aí, só encontraremos o grudar-se – onde eu menos fiz Escola... que cola.

Dissolvida ela está a partir do fato do meu dizer. Resta que o seja a partir do de vocês também.

Se isso não ocorrer a sigla que vocês têm de mim – EFP – cai nas mãos de falsários confessos.

Desfazer a manobra recai sobre aqueles da Escola que eu reuní neste sábado.

Acreditem: eu não admitirei ninguém a se divertir na Causa Freudiana, salvo se seriamente *d'écólé*.⁴

Assinei isso ontem, dia 10 de março.

Este também foi o erro de Freud: ter deixado os analistas sem recursos, e portanto, sem outra necessidade além daquela de se sindicalizarem.

Eu tentei inspirar-lhes outro anseio, aquele de “ex-sistir”.

Aí eu consegui. Isso se marca pelas precauções com as quais se contorce na volta à rotina.

O que não é verdade para todos, posto que há gente suficiente para seguir minhas pegadas, e subsistir por meio de um laço social jamais surgido até então.

Que outra coisa dá provas da minha formação, senão o acompanhar-me no trabalho, pois este é um, da dissolução?

Eles devem agora contar-se.

Dirijo-me aos outros que não precisam fazer este trabalho, por não terem participado de minha Escola – sem que, por isso, não se possa dizer que também não tenham sido intoxicados.

Com eles, sem demora, dou partida à Causa Freudiana – e restauro, em seu favor, o órgão de base retomado da fundação da Escola – ou seja, o cartel, cuja experiência feita, eu aprimoro a formalização.

Primeiro – quatro se escolhem para empreender um trabalho que deve ter seu produto. Esclareço: produto próprio a cada um e não coletivo.

Segundo – a conjunção dos quatro se faz em torno do Mais-um, que, se ele é qualquer um, deve ser alguém. Cabe a ele a tarefa de velar pelos efeitos internos à empreitada e de provocar nela a elaboração.

Terceiro – para prevenir o efeito de cola, a permutação deve ser feita ao final pré-fixado de um ano, no máximo dois.

Quarto – não se espera nenhum progresso além daquele de uma exposição periódica, tanto dos resultados quanto das crises de trabalho.

Quinto – o sorteio assegurará a renovação regular dos limites demarcados com a finalidade de vetorizar o conjunto.

A Causa Freudiana não é Escola, e sim campo – onde cada um terá liberdade para demonstrar o que faz com o saber que a experiência deposita.

Campo que aqueles da EFP reencontrarão desde que tenham se desembaraçado daquilo que naturalmente os estorva mais do que eu.

Eu abrevio aqui a preparação necessária à partida.

Porque é necessário que eu termine sobre o mal-entendido, das mulheres de que falei no meu último seminário, que não estão privadas de gozo fálico.

Imputaram-me pensar que são homens. Eu lhes peço que re-flitam um pouco.

O gozo fálico não as aproxima dos homens, e sim as afastam, posto que este gozo é obstáculo para acasalá-las com o sexuado da outra espécie.

Desta vez eu previno o mal-entendido sublinhando que isso não quer dizer que elas não possam ter, com um só – escolhido por elas – a satisfação verdadeira: fálica.

Satisfação que se situa em seu ventre. Mas, parecendo responder à palavra do homem.

Para isso é necessário que ela caia bem. Que ela caia sobre o homem que lhe fale de acordo com sua fantasia fundamental, a dela.

Ela consegue daí efeito de amor, algumas vezes, e de desejo, sempre.

Isso não ocorre tão frequentemente. E quando ocorre, mesmo assim não faz relação, escrita, ou seja, ratificada no real.

Disso que chamei a não-relação, Freud tinha a ideia, apesar de sua redução do genital, ao fato da reprodução.

Não é, na verdade, o que ele articula sobre a diferença entre a pulsão que chama de fálica e aquela que ele afirma subsistir do genital?

Teria ele percebido o dualismo sem a experiência, em que estava, da psicanálise?

O gozo fálico é justamente aquele que consome o analisante. Pois bem, eu os deixo.

Eu gostaria que me fizessem perguntas. Façam-nas *por escrito*. Enviem-nas. Eu as responderei na semana que vem, se valerem a pena.

Na semana que vem também lhes direi como isso trabalha – a dissolução.

Tradução: Alessandra Thomaz Rocha

¹N.T.: Lacan joga com a homofonia entre "D'écologie" – que faz alusão à "École", e já foi traduzido algumas vezes como des-escolarização e "décolage", que pode aludir à descolagem e também à decolagem. O jogo de palavras gira em torno da dissolução da "École", da qual Lacan se descola e decola.

²N.T.: Esta expressão tem como sinônimo o nosso "acertei na mosca", e aqui também alude à quantidade de cartas recebidas.

³N.T.: Frase em latim que faz referência à *Delenda est Cartago* (Cartago deve ser destruída), frase com a qual Catão terminava seus discursos durante o confronto entre Cartago e Roma.

⁴N.T.: ou seja, despojado dos vícios da "école". Em leitura oral também pode ser no sentido de: "salvo que tenha se desgrudado seriamente", ou "que tenha decolado seriamente".